

Alcibiades e a Sophrosyne: um olhar a partir da ambiência antiga¹

Alcibiades and Sophrosyne: a look from the ancient ambiance

Damiana Patrícia Alves Camurça Maciel

<https://orcid.org/0009-0005-5484-9389> – E-mail: patrícia.camurca@gmail.com

Vicente Thiago Freire Brazil

<https://orcid.org/0000-0003-0830-6349> – E-mail: vicente.brazil@uece.br

RESUMO

Os diálogos platônicos permitem-nos adentrar aos questionamentos e reflexões filosóficas que permearam o mundo grego do período clássico. Sua riqueza conteudal perpassou o tempo, instigando-nos a conhecer e refletir sobre temáticas que independem do tempo, pois permanecem pertinentes em nossa contemporaneidade, dentre elas a temática da temperança. Assim, o presente artigo tem como referencial o encômio de Alcibiades para Sócrates, no diálogo *O Banquete*, e se propõe a averiguar a condição do afamado estratega ateniense a partir da categoria da temperança. Para essa averiguação temos como referências a virtude da sophrosyne (temperança) nos períodos arcaico e clássico da cultura grega. Apresentamos o significado e as mudanças pelas quais essa virtude sophrosyne passou no decorrer desses períodos na polis ateniense, bem como a sua conceituação por Platão.

Palavras-chave: Encômio. Alcibiades. Sophrosyne.

ABSTRACT

The Platonic dialogues allow us to delve into the philosophical questions and reflections that permeated the Greek world of the classical period. Its content richness has permeated time,

¹ O presente trabalho faz parte da pesquisa *O encômio de Alcibiades para Sócrates: a sophrosyne (Σωφροσύνη) como guardiã da verdade?* desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual do Ceará (PPGFIL/UECE), sob a orientação do Prof. Dr. Vicente Brazil.

encouraging us to learn about and reflect on themes that are independent of time, as they remain relevant in our contemporary times, among them the theme of temperance. Thus, this article has as its reference Alcibiades' praise for Socrates, in the dialogue The Symposium, and aims to investigate the condition of the famous Athenian strategos from the category of temperance. For this investigation we have as references the virtue of sophrosyne (temperance) in the archaic and classical periods of Greek culture. We present the meaning and changes that this sophrosyne virtue underwent during these periods in the Athenian polis, as well as its conceptualization by Plato

Keywords: Encomium. Alcibiades. Sophrosyne.

Introdução

O encômio de Alcibiades para Sócrates n'O *Banquete*, embora seja o último proferido, e não homenageando o deus *Eros* (*Ερως*) como os demais convivas fizeram, mas sim, homenageando seu antigo mestre Sócrates, constituindo-se dessa maneira um louvor de Amor, mas não para o *daimon*² *Eros* (*Ερως*), e sim ao filósofo Sócrates.

É um dos discursos cujo anônimo exige de Apolodoro saber com precisão sobre o que foi falado, pois ele menciona textualmente o nome de Alcibiades, pois temos “[...] andava à tua procura, porque desejo informações precisas a respeito da conversa de Agatão com Sócrates, Alcibiades e os demais convivas do banquete dado por ele, em que proferiram vários discursos sobre o amor” (172a-b), levando-nos a perceber a importância que Platão, sutilmente, atribuiu ao encômio alcibidiano. Pois ele encerra os encômios da noite declarando o seu amor a Sócrates, e mais que louvar a Sócrates, Platão expressa por meio de Alcibiades a imagem que ele tinha do seu mestre.

Nos diálogos da juventude, ele registra o pensamento de Sócrates, e nesse diálogo da maturidade, ele deixa o registro da imagem de Sócrates como o homem que estava acima dos demais com quem convivia na Atenas do século V a.C. Isso corrobora para o jogo de imagens desses personagens Alcibiades e Sócrates, as imagens associadas cultural e historicamente a cada um respectivamente *hybriste* e *sophron*, nesse diálogo alternam-se.

Sobre a precisão requerida pelo anônimo, já fizemos referência à fragilidade dela, uma vez que Platão construiu a narrativa-filosófica d'O *Banquete* com camadas temporais. Assim, apesar dessa fragilidade em relação à precisão, a leitura do encômio do personagem platônico Alcibiades nos instiga a analisá-lo à luz do estatuto da Verdade. Pois Platão, no decorrer de todo o discurso de Alcibiades, atrela-o a ser um discurso que “só diz a verdade”, porém o Alcibiades histórico que nos chegou por meio dos “olhares” de Tucídides e Plutarco, foi o de alguém a quem se atribui uma natureza humana *hybriste*, ou seja, alguém a quem o vício da *hybris* entranha o seu ser.

Assim, considerando que na Grécia Antiga o estatuto da Verdade tinha como pressuposto para a averiguação da verdade a virtude da *sophrosyne*, e não o vício da *hybris*, pergun-

² No discurso de Diotima expresso pela voz de Sócrates o Amor não é por sua natureza nem um mortal, nem um deus, mas sim, um ser intermediário, um *daimon*. O ser que intermedia as relações entre homens e deuses; o ser que não é nem sábio, nem ignorante; o ser desejante, que não possui o que deseja, possui apenas os meios necessários para alcançar e suprir a sua falta desejante. Com isso, Platão apresenta-nos a figura do filósofo, pois esse não é ignorante, nem sábio, mas sim, um ser desejante da sabedoria, ou seja, um amigo da sabedoria, um filósofo. Desta maneira, Platão apresenta-nos seu mestre Sócrates, como um daimon que conduz os homens à sabedoria, pois ele possui o *logos* (razão), e os demais homens também (202e, 203e, 204a-c).

tamo-nos mais uma vez, o que Platão quis nos deixar como mensagem ao atrelar Alcibiades à palavra verdade?

Assim, analisaremos o louvor alcibidiano à luz do estatuto da Verdade, tendo como norteadores dessa análise a virtude da *sophrosyne* e seu oposto o vício *hybris* a partir da conceituação platônica. No entanto, antes de iniciarmos a análise do discurso de Alcibiades, buscaremos compreender o significado da *sophrosyne* e da *hybris* na cultura grega antiga.

Sophrosyne (Σωφροσυνη) – a temperança

Para nós da contemporaneidade falantes da Língua Portuguesa, o vocábulo *sophrosyne* não possui para fins de tradução do grego antigo para o português contemporâneo apenas um vocábulo que transmita toda a sua significação. Temos em nosso idioma vários vocábulos que podem ser utilizados para aludir à virtude *sophrosyne*. No entanto, nenhuma palavra comporta e expressa a riqueza conteudal que a palavra *sophrosyne* significava na Grécia Antiga.

Podemos dizer que cada palavra de nosso vocabulário contemporâneo da Língua Portuguesa para nos remeter à virtude *sophrosyne* expressa apenas uma fração do seu significado pleno, e cada uma delas adquire significados específicos de acordo com a intencionalidade com a qual a palavra é utilizada. Assim, de acordo com Silva (2018), o vocábulo *sophrosyne* para o nosso idioma tem uma tradução limitada, sendo necessário indicar seu campo semântico para podemos entender a riqueza desse vocábulo. Com isso, temos a virtude *sophrosyne* compreendida como temperança, autocontrole, prudência, sensatez, sabedoria, moderação e autodomínio.

Feito esse esclarecimento quanto aos possíveis significados do vocábulo da virtude *sophrosyne* em nosso idioma, a partir de agora buscaremos compreender o significado da virtude *sophrosyne* entre os gregos da antiguidade, bem como a sua exaltação ou desprestígio, enquanto conduta dos cidadãos na *polis*.

A *sophrosyne* é, entre os gregos da antiguidade, uma *areté* (*ἀρετή*). Como uma virtude na cultura grega, ela perpassa os períodos arcaico e clássico, porém a cada período histórico os gregos atribuíram uma definição para *sophrosyne*.

Assim, da mesma maneira que a valoração da virtude *sophrosyne* sofreu mudanças ao longo dos períodos arcaico e clássico, ora sendo exaltada ora sendo desprestigiada; sua definição também sofreu mudanças. Com isso, o entendimento entre os gregos sobre o que significava a virtude *sophrosyne* não foi o mesmo no decorrer dos séculos.

Desta maneira, buscaremos resgatar os diversos significados atribuídos a *sophrosyne* desde os tempos heroicos ao tempo de Péricles³. E como ela, enquanto conduta do cidadão, manifesta-se na vida da *polis*. A *sophrosyne* enquanto uma virtude, a qual deve o cidadão possuir e externalizar em suas condutas, está relacionada à situação política e social da *polis*, ou seja, a maneira como a comunidade ateniense a exige dos seus cidadãos atrela-se ao seu momento político e social, uma vez que viver na *polis* grega da antiguidade é o conviver, estarem juntos.

Assim, a partir das leituras de North (2019) poderemos resgatar e compreender o entendimento entre os gregos da virtude *sophrosyne* no decorrer dos períodos arcaicos e clássicos. North (2019) nos traz em seus escritos que inicialmente a *sophrosyne* fora compreendida como

³ Péricles foi um político democrático que figura na história ateniense como um grande estratega, um expoente da Atenas democrática. Sua ascendência era aristocrática, Péricles descendia da família dos Alcmeónidas.

prudência e astúcia em interesse próprio, sendo este entendimento desprovido de conotação moral e religiosa, pois estas conotações apenas no decorrer do tempo viriam a fazer parte na definição da *sophrosyne*.

Nessa acepção a *sophrosyne* não estava atrelada a conduta do guerreiro, ou seja, no campo de batalha o guerreiro na ânsia de obter *kleos* (glória); e muitas vezes em razão de sua *timé* (sua honra), não valorizava ser prudente, nem astuto. Pois o guerreiro devia conduzir-se apenas pela sua força e inteligência, essa manifestada pelas decisões em batalha.

Assim, no tempo heroico a *sophrosyne* não era tida como virtude possuída pelos heróis, para isso North cita como exemplos a poesia épica da Ilíada e Odisseia. Pois, "Most important of all, the choice of exemplars makes it clear that *sophrosyne* is not a 'heroic' virtue, since the two greatest Fighting men of the Homeric epic, Achilles and Ajax, are the very ones who most notoriously lack this quality" (NORTH, 2019, p. 2).

Os escritos de Snell (2012) corroboram com o posicionamento de North em relação a *sophrosyne* não fazer parte do *ethos* do herói grego. Ele nos traz os versos da *Ilíada* de Homero em que o herói Aquiles é persuadido pela deusa Atena a praticar a *sophrosyne*, ou seja, temos aqui, a virtude *sophrosyne* sendo exortada a prática por um semideus, um herói tido como um dos mais violentos e dominado pelo *pathos* (paixão) (BRANDÃO, 2014).

Com isso, nestes versos está a semente da *sophrosyne* como freio moral e conduta dotada de moderação; acepções que viriam a fazer parte da *sophrosyne* ao final do período arcaico. Assim, perante o estado de contenda de Aquiles com o seu rei Agamêmnon, manifestado em sua ânsia de travar combate com o seu rei, a deusa exorta Aquiles a refrear o seu ímpeto.

Deste modo, temos Atena diante de um dos heróis gregos em que se é atribuído ora um comportamento extremamente violento, ora um comportamento de extrema sensibilidade, a praticar a virtude *sophrosyne*. Temos, então, um conselho de uma deusa a um herói para refrear as suas emoções, e em sua persuasão acena a Aquiles recompensas futuras, caso ele pratique a *sophrosyne*.

Desta maneira, Atena instiga Aquiles a praticar a *sophrosyne*, mas adotá-la ou não, isso cabe ao herói. Pois a *sophrosyne* não pertence, nos tempos heroicos, ao *ethos* dos heróis.

A primeira máxima de virtude da literatura grega, nós a encontramos no primeiro livro da Ilíada, naquela cena que focaliza com absoluta clareza a reflexão grega arcaica sobre a ação humana. Quando Aquiles quer, em sua ira, enfrentar Agamêmnon com a espada, Atena o detém e admoesta (v. 207). "Eu venho do céu para pôr fim a teu μεανον [isto é, ao ímpeto da tua paixão, a teu sentimento excitado, se quiseres obedecer-me ... Põe fim à contenda e não brandas a espada!]" Já na antiguidade essas palavras foram interpretadas como um conselho moderação, mas não é a esse fato "moral" que Atenas alude. Ela convida Aquiles a frear seu impulso e a não fazer uso da espada, como era seu intento. E de fato, Aquiles segue esse conselho. Apresenta-se aqui, em germe, um fenômeno que podemos chamar de "freio moral" e que Homero, também em outros trechos, define como "moderação" [...]. Atenas [...] não dá apenas uma ordem resoluta, e sim permite a Aquiles que reflita (SNELL, 2012, p. 165-166).

Percebemos, então, que a *sophrosyne*, enquanto prudência, astúcia, moderação, não integrava o *ethos* do herói, do guerreiro, esse que poderia ser o definidor de uma vitória ou não. Porém, North nos traz outro significado para a *sophrosyne*, que esta sim, integra a *areté* do herói, do guerreiro.

Conforme North (2019), temos a *sophrosyne* enquanto vergonha, o *aídos*. O *aídos* integra a *areté* heroica, e o guerreiro a sente diante uma conduta que violará a *areté* heroica, sendo um sentimento que o herói demonstra perante os deuses e homens, manifestado pelo respeito ao poder dos deuses e respeito pela opinião de seus pares, assumindo um caráter objetivo.

Enquanto, a *sophrosyne* assume o caráter subjetivo, uma atitude pessoal, pois passa-se no interior da pessoa, como um conflito dentro da alma. Assim, embora o caráter objetivo do *aídos* e o caráter subjetivo da *sophrosyne* ambos são freios inibidores de condutas movidas por paixões, estando aí a semelhança entre eles. No decorrer dos tempos a *sophrosyne* prevalece no conduzir-se dos habitantes da *Hélade*. Porém, nas raízes da *sophrosyne* encontra-se o *aídos*, o sentimento da vergonha.

North (2019) nos traz, também, que nas raízes da *sophrosyne*, ela é uma *areté* pertencente ao intelecto, manifestada no sentido de ter um bom juízo. Assim, a *sophrosyne* é uma *areté* que se manifesta no comportamento, mas origina-se no intelecto. Pois,

If *saophrosynē* is basically “soundness of mind” – that is, the state of having one’s intellect unimpaired – we come closest to its original significance in the response of Penelope to Eurycleia’s announcement that Odysseus has returned (*Od.* 23.11-13) [...] that *saophrosynē* here is the *mens sana*, primarily intellectual Rather than moral; although it is well to remember that throughout its history *sophrosyne*, however “intellectual” it may be, is normally Applied to some kind of behavior (NORTH, 2019, p. 4).

Na cultura helênica a *sophrosyne* tornar-se uma *areté* em que suas acepções e sua exaltação acompanham o surgimento e consolidação das *poleis*. Com isso, menções a ela continuam presentes nos versos dos poetas da *Hélade*.

Assim, ao voltarmos nosso olhar para a cultura grega do período arcaico, nos detendo nos textos *Teogonia* e *Trabalhos e Dias do poeta Hesíodo*⁴, embora não haja o registro escrito da palavra *sophrosyne* (NORTH, 2019, p. 10) nos versos do poema, podemos observar que neles há, sim, referência a *sophrosyne*.

Ao partirmos deste posicionamento perante o texto, a *sophrosyne* é apresentada como uma *areté* (virtude), em que ela é tida como um presente dos deuses aos homens, e como um presente, espera-se que os humanos dela façam uso.

Nos versos da *Teogonia*, a *sophrosyne* é um presente concedida aos homens pela Musa Belavoz, uma das Musas filha do deus Zeus. Assim, neste poema mitológico em que a configuração do mundo é explicada recorrendo ao mito, a um imaginário doado por algo superior ao humano, temos o enaltecimento da *sophrosyne*. Pois, enquanto uma *areté* que foi concedida pela Musa Belavoz, é esperado que o rei a manifeste, e por conseguinte a nobreza aristocrática, em suas maneiras e atitudes em convivência na *polis*.

Isso cantavam as Musas, que têm morada olímpica,
As nove filhas geradas do grande Zeus,
Glória, Aprazível, Festa, Cantarina,
Dançapraz, Saudosa, Muitacanção, Celeste
E Belavoz: essa é a superior entre todas.
Pois essa também a respeitados reis acompanha.
Quem quer que honrem as filhas do grande Zeus
E o veem ao nascer, um dos reis criados por Zeus,
para ele, sobre a língua, vertem doce orvalho,
e da boca dele fluem palavras amáveis; as gentes
todas o miram quando decide entre sentenças
com retos juízos: falando com segurança,

⁴ Segundo Werner (2022), Hesíodo foi um poeta grego do período arcaico, que da mesma maneira que Homero, a sua existência não pode ser comprovada. No entanto, certa tradição atribui que sua existência teria sido entre os anos 750 e 650 a.C. Assim, temos o poeta Hesíodo que teria vivido durante os séculos VIII e VII a.C. período do surgimento e consolidação das *poleis* gregas como cidades-estados.

de pronto até disputa grande interrompe destramente;
por isso reis são sensatos, pois às gentes
prejudicadas completam na ágora ações reparatórias
fácil, induzindo com palavras macias;
ao se mover na praça, como um deus o propiciam
com respeito amável, e destaca-se na multidão.
(HESÍODO, *Teogonia*, 75-90).

Nesse trecho podemos identificar a *sophrosyne* como necessária ao rei para que esse possa resolver os conflitos entre os cidadãos da *polis* com retidão, justiça; sendo o rei *sophro* respeitado. É a *sophrosyne* que permite ao rei distinguir-se dos demais cidadãos da cidade. Assim, podemos compreender que neste período arcaico a *sophrosyne* é uma virtude exaltada na poesia e esperada, enquanto conduta, na maneira de agir do rei.

A *Teogonia* nos revela que a *sophrosyne* é uma virtude tão valorizada nesse período que ela se apresenta associada a *peithô* (o poder da palavra). Pois o uso da palavra, essa atividade tão cara aos gregos atenienses, deve ser realizada com *sophrosyne*; manifestada essa associação entre *sophrosyne* e *peithô* por meio da expressão “palavras macias”. Assim, a *sophrosyne* se faz presente, ou seja, o poder da palavra deve ser expresso dotado de moderação.

Em *Trabalhos e dias*, Hesíodo, igualmente, recebe das Musas versos em que a *sophrosyne* é uma virtude valorizada para se estar presente nas condutas dos homens, e novamente, não há o registro da palavra *sophrosyne*, mas podemos inferir a presença dela nos versos do poema.

A *sophrosyne* nestes trechos é expressamente tida como um presente valioso, um tesouro, para quem dela faz uso. E por meio dela os cidadãos podem vivenciar o sentido da *polis*, a vida em comunhão; sendo uma virtude que proporciona muitos ganhos aos cidadãos das *poleis*, necessitando para isso, nada além, do que apenas ser praticada pelos habitantes.

O melhor, entre os homens, é o tesouro da língua
parca, e o máximo de graça está na comedida:
se falares algo vil, logo tu mesmo mais ouvirás.
E não seja destemperado em banquete muito-hóspede:
Na comunhão, a graça e máxima, a despesa, mínima.
(HESÍODO, *Trabalhos e dias*, 715-720).

A *sophrosyne*, desta maneira, nos versos da *Teogonia* e de *Trabalhos e dias*, como já mencionando, é uma *areté* valorizada e requerida nas atitudes dos cidadãos gregos do período arcaico. Na *Teogonia* ela está relacionada a conduta da nobreza aristocrática, expressamente na figura do rei. Em *Trabalhos e dias*, temos a *sophrosyne* sendo exaltada para os cidadãos como um todo, os quais compõem a *polis*.

Nos versos de *Trabalhos e dias* encontramos, também, a referência do uso da palavra dotado de *sophrosyne*, pois o bom uso da língua, compreendemos como o uso da palavra, constituisse num tesouro. Bem como, palavras comedidas, ou seja, palavras não ofensivas e não vis, possibilitam a convivência harmoniosa entre os cidadãos da *polis*. Hesíodo refere-se a *sophrosyne* como uma virtude que contribui para o bem da cidade, assumindo a acepção de boa ordem (*eunomia*).

Assim, a *eunomia* (a boa ordem) será, enquanto virtude cívica, parcialmente substituída pela *sophrosyne*, pois a *eunomia*, como o *aídos*, está no plano objetivo, uma manifestação social e a *sophrosyne* no plano subjetivo, uma manifestação pessoal, no seu íntimo. Pois, “it was inevitable that *sophrosyne* and *eunomia* should be brought together, and this is done at first in the frase *saophrôn eunomia*” (NORTH, 2019, p. 11).

Ainda nos versos de Hesíodo temos a *sophrosyne* como a virtude do autocontrole e moderação, ou seja, a *sophrosyne* adquiriu a acepção de autocontrole e de moderação. Com isso, passa-se a requerer dos cidadãos da *polis* condutas permeadas de moderação e do controle de si, ou seja, condutas moderadas, tanto nas ações como no uso da palavra por parte dos cidadãos, pois a *sophrosyne*, nessa acepção, é imprescindível para a convivência harmoniosa na cidade.

Desta forma, a *sophrosyne* começa sua acepção da ideia de medida, que ao se incorporar os sentimentos de religiosidade e moralidade, os quais serão fortemente presente entre os gregos, se manifestará em não ultrapassar os limites, não se cometer excessos. Temos,

The poems of Hesiod, the product of a non-heroic, peasant culture, set up a new standard of *areté*, in which the value of measure, restraint, and self-control is enormously enhanced. Although Hesiod nowhere uses word *sôphrôn*, which may not yet be current in mainland Greece, his view of life and of the relations between god and man is thoroughly imbued with *sophrosyne* in one of its later aspects: as the spirit of *Mêden agan* ("Nothing in excess"). Key words in the *Works and Days* are *metrios*, *mesos*, and *kairos* ("moderate, in the middle, due measure") (NORTH, 2019, p. 11).

A acepção da virtude *sophrosyne* como moderação, autocontrole, autoconhecimento, prudência, sensatez, temperança, permeado, agora, de religiosidade e sentimentos de moralidade passam a estar na compreensão, no entendimento que os cidadãos gregos têm em relação a essa virtude. Assim, a *sophrosyne* será considerada a virtude do cidadão. Pois ainda no período arcaico ela será enaltecida, não só nos versos poéticos, mas no discurso político de Sólon.

Assim, na Atenas do período arcaico conduzida por Sólon, que acabara de superar uma grave crise interna em razão da propriedade da terra, a perda da cidadania ateniense em razão de dívidas, pois os devedores tornavam-se escravos ou servos, uma quase eclosão de uma guerra civil pelas tensões de classe, entre os *aristoi* e *demos*, o magistrado e poeta Sólon exortava em seus versos a virtude *sophrosyne*, pois "se, em seu poema elegíaco sobre a partilha feliz, Sólon faz do *dais* o modelo do regozijo apreciado na moderação, é para opô-lo ao comportamento injusto daqueles que, ultrapassando os limites, destroem a cidade" (CALAME, 2013, p. 84).

Sólon comprehende a virtude *sophrosyne* como a virtude que fortalece a cidade, bem como a virtude da Justiça (*Dike*). "A *sophrosyne*, virtude do justo meio, corresponde a imagem de uma ordem política que impõe um equilíbrio a forças contrárias, que estabelece um acordo entre elementos rivais" (VERNANT, 2022, p. 90-81).

Assim, a virtude *sophrosyne* consolidava a igualdade entre os cidadãos atenienses não importando sua ascendência, se *aristoi* ou *demos*, uma vez que as condutas de todos os cidadãos deviam ser pautadas com *sophrosyne*, ou seja, a medida devia conduzir os cidadãos em suas decisões e ações.

Desta maneira, Sólon exorta a virtude *sophrosyne* como a virtude que conduz a *polis* a uma vida em equilíbrio. Assim, a *sophrosyne* era exortada nas condutas dos cidadãos tanto no cotidiano da *ágora* como no campo de batalha. No entanto, distante daquela *areté* heroica dos tempos de Homero, pois:

A virtude guerreira não é mais da ordem do *thymós*; é feita de *sophrosyne*: um domínio completo de si, um constante controle para submeter-se a uma disciplina comum, o sangue frio necessário para refrear os impulsos instintivos que correria o risco de perturbar a ordem geral da formação (VERNANT, 2022, p. 67).

Assim, percebemos que durante o período arcaico a virtude *sophrosyne* é exaltada. O cidadão deve pautar sua conduta a partir dela, pois a virtude *sophrosyne* une os cidadãos, e isso fortalece a *polis*. A *sophrosyne* é enaltecida como a virtude do cidadão. "In this ide the group of concepts often connected with the life of the *polis* is applied to man's conduct of his personal affairs, but the consequences affect the whole Community" (NORTH, 2019, p. 28).

A *sophrosyne* permaneceu sendo exaltada, enquanto virtude, tanto pelo *aristoi* como pelo *demos* até o século V, considerando-se o período clássico como o período em que a *sophrosyne*, dentre as virtudes, era considerada a virtude por excelência do cidadão e da cidade-estado. A *sophrosyne* fazia parte do *ethos* dos cidadãos atenienses.

O sentimento religioso e a moralidade permearam o conceito de *sophrosyne* e se faziam fortemente presentes na compreensão dessa virtude. A *sophrosyne* era compreendida como sensatez, temperança, autoconhecimento, autocontrole, prudência, justa medida para com os deuses e homens. A pessoa dotada da virtude *sophrosyne* não cairia no vício *hybris*.

No decorrer dos séculos a virtude *sophrosyne* e o vício *hybris* passam a ser compreendidos como opositos, estando nesse momento esse antagonismo consolidado. Assim, a *sophrosyne* conduzia a cidade para uma convivência harmoniosa, já a *hybris* não só prejudicava a vida harmoniosa na *polis* como a impedia.

Desta maneira, a *sophrosyne*, no período clássico entre os atenienses, era tão valorizada, que essa valorização foi registrada nas artes, como em cerâmicas, pinturas, versos e até mesmo em epitáfios, onde os mortos reivindicavam para si terem possuído a *sophrosyne*.

Os atenienses valorizavam tanto a *sophrosyne* que a consideravam a razão da sua vitória perante os persas durante as Guerras Médicas. Os atenienses atribuíram a essa guerra "a disputa" entre a *sophrosyne* ateniense e a *hybris* persa. Com isso, associavam a virtude *sophrosyne* com a liberdade conquistada, pois haviam saídos vencedores perante o Império Persa.

[...] is evidence that the Athenians associated sophrosyne with their newly-vindicated freedom, while early Attic sepulchral inscriptions testify to the pride with which the dead laid claim to the virtue of sophrosyne, the chief excellence of democratic citizens in time of peace, as courage was their boast in time of war. From Aeschylus and Sophocles, Herodotus and the grave-epigrams, we learn that to the Athenians of the early and middle fifth century sophrosyne implied good sense, moderation, self-knowledge, and that accurate observance of divine and human boundaries which protects man from dangerous extremes of every kind. In private life it is opposed to *hybris*, and in the life of the State to both anarchy and tyranny (NORTH, 1947, p. 3).

A valoração da *sophrosyne*, como a virtude do cidadão e a virtude da cidade-estado, permaneceu no *ethos* ateniense por quase todo o século V. Assim, a *sophrosyne* ocupava um elevado valor entre os atenienses, sendo enaltecida e exortada.

Esperava-se do cidadão ateniense a virtude *sophrosyne* nas suas condutas tanto na vida privada como na vida pública. Desta maneira, ser um cidadão *sophro* era algo elogiado entre os concidadãos da *polis* ateniense. Com isso, entre meados do século IV e meados do século V a *sophrosyne* torna-se a virtude para a vida na *polis* e no campo de batalha. Ela é a virtude do cidadão ateniense.

Porém, nas últimas três décadas do século V a maneira como a *sophrosyne* era tida como a virtude a ser cultivada no cidadão sofreria mudanças. Com isso, ela deixaria de ser exaltada e exortada como a virtude do cidadão e da cidade-Estado. North (1947), ela nos apresenta três tendências de deterioração do entendimento dessa virtude multifacetada nas últimas décadas do século V. North nos apresenta que o conceito de *sophrosyne* foi reexaminado, porém com conclusões desfavoráveis a riqueza dessa multifacetada e complexa virtude.

O uso das palavras *sophrosyne* e *sophro*, que tem originalmente na cultura ateniense a designação de algo bom, honroso, desejável, passaram a ser usadas em contextos de desvalorização, fazendo-se um uso jocoso e irônico dessas palavras; nesse momento a virtude em si não era atacada, mas associada com algo desprezível. Por fim, passa-se a atacar a virtude *sophrosyne*, deixando de ser enaltecia para ser condenada.

A *sophrosyne* sofre nesse período um ataque e uma má compreensão do que ela é realmente é. Desta maneira, uma má compreensão frequente é confundi-la com a covardia, a inércia, a frieza e a indiferença. A descaracterização, o uso irônico da palavra, a compreensão errônea da virtude *sophrosyne* estão presentes na literatura de Eurípides e Aristófanes. Assim, uma virtude que era louvada passa a ser ridicularizada e rejeitada pelos cidadãos atenienses.

A consciência popular que antes louvava a *sophrosyne* agora a despreza, tendo-a apenas como algo que refreia, restringe a satisfação de desejos, prazeres e ambições. Assim, para *aristoi* e *demos*, neste período da *polis* ateniense, a *sophrosyne* os impede de usufruir prazeres e satis-fazer desejos.

Com isso, de uma virtude que conduzia as condutas que elevavam os cidadãos e a cidade, passa a ser compreendida como limitadora das realizações pessoais e dos grandes feitos da *polis*. "In the sphere of government as well as of private morality, *sophrosyne* was now tried and found wanting, or rather a certain type of behavior to which this term was applied proved worthy of condemnation" (NORTH, 1947, p. 6).

Neste período clássico, Atenas é o centro cultural da *Hélade*. Ela encontra-se no esplendor de sua beleza arquitetônica, e no seu esplendor maior, seu regime democrático na condução dos interesses da cidade, com o seu expoente político Péricles. Ela é a detentora de uma grande frota de navios e está à frente do império que forjou a partir da *Liga de Delos*. Atenas é conhecida em toda a *Hélade* como a soberana dos mares.

Elá não é mais apenas uma *polis* da Ática, ela é a cidade que está à frente e que comanda o Império Ateniense, ela é o império⁵. Esse império, surgido a partir da *Liga de Delos*, e essa por sua vez, do esforço de manter a liberdade do mundo grego em relação à ameaça de subjugação perante o Império Persa durante as Guerras Médicas, que teve no seu ato de defender a *Hélade* o fundamento e a exortação da virtude da *sophrosyne*, pois "apesar da severa desvantagem militar, os gregos prevaleceram. Em suas celebrações de vitória, demonstravam julgar que os deuses haviam recompensado lhes por sua temperança" (VASCONCELOS, 2017, p, 19), agora os gregos a menosprezavam. Com isso, temos a virtude da *sophrosyne*, que desde meados do período arcaico a meados do período clássico, foi tida como a virtude fundamento da cidade, sendo menosprezada.

Assim, a Atenas que combateu o Império Persa durante as Guerras Médicas já não é a mesma que combate contra os espartanos e siracusanos, na Guerra do Peloponeso e Expedição à Sicília, respectivamente. A Atenas das Guerras Médicas atribui a *sophrosyne* a sua vitória nessa guerra. A Atenas da Guerra do Peloponeso despreza a *sophrosyne*, e erroneamente a tem como covardia. Pois,

A temperança uma vez louvada como o fundamento da vida em comunidade, era, durante esse período, atacada como um obstáculo desnecessário que privava os homens da fruição dos prazeres, além de ser, eventualmente, identificada com a covardia e com a frouxidão (VASCONCELOS, 2017, p. 18).

⁵ "A aliança (*Liga de Delos*) que havia sido formada com um caráter democrático, logo caiu sob o completo e irrestrito domínio ateniense" (VASCONCELOS, 2017, p. 20).

Desta maneira, a *sophrosyne* perpassou os séculos IV e V sendo valorizada e exortada, porém nas últimas décadas do século V predominou o desprezo por essa virtude e o desvirtuamento do que ela realmente significava. North nos diz que os impactos sofridos na cultura ateniense juntamente com os anos de guerras⁶ colaboraram para o ataque aos valores e as virtudes, em especial a virtude *sophrosyne* pela sua natureza multifacetada e complexa, que a faziam não ser uma virtude simples de possuir. Ela foi a mais atacada e menosprezada. Com isso, sua exaltação ou desprezo estavam atrelados a vida social e política da *polis*.

It was one of the most vicious results of the Peloponnesian War that this tendency deepened and spread until it infected the whole Greek world. Its spread was accelerated, to be sure, by forces other than those of war. New types of intellectual training, which included enlightened speculation about nature, theology, and ethics, taught the Greeks to question the old values (NORTH, 1947, p. 10).

Segundo Vasconcelos (2017), as transformações no âmbito social e político ocorridas na *polis* ateniense do século V motivaram Platão a empreender suas discussões sobre a temerança, a virtude *sophrosyne*. No entanto, essas transformações ocorreram em toda a *Hélade*⁷ e circunvizinhança do mundo grego, pois os acontecimentos da Guerra do Peloponeso e da Expedição à Sicília causaram impactos sem precedentes, conforme Tucídides nos deixou registrado na *História da Guerra do Peloponeso*.

Platão em alguns de seus diálogos filosóficos tratou da temática da virtude da temerança, a *sophrosyne*, dentre eles: *A República*, no qual Platão elenca as quatro virtudes cardeais para a cidade feliz, sendo a justiça, a sabedoria, a coragem e a *sophrosyne* (temerança); no diálogo *Cármides* a virtude *sophrosyne* é a temática central, constituindo-se no *élenchos* entre os personagens Sócrates, Cármides e Crítias, embora termine em aporia.

Platão também aborda no diálogo *Fedro*, apresentando sua conceituação e a conceituação do seu oposto, o vício *hybris* (238a). Com isso, podemos perceber a importância que Platão atribui a virtude *sophrosyne* como *areté* a ser cultivada no homem e na cidade. Pois a temática dessa virtude constitui em umas das mensagens recorrentes em seus diálogos filosóficos.

Platão, diante dos ataques sofridos pela virtude *sophrosyne*, uma virtude que fora considerada um dos fundamentos da cidade-Estado e a virtude do cidadão, revisita sua conceituação ao longo dos séculos da cultura grega e nos presenteia com uma conceituação da *sophrosyne* a partir da Filosofia. Temos em Platão a compreensão filosófica da *sophrosyne* como ética do cidadão e do Estado. Com isso, a virtude *sophrosyne* não é esquecida, mas sim, continuou a perpassar pelos séculos, chegando a nós da contemporaneidade.

In spite of the more spectacular and extensive influence of Isocrates on his own generation, it does not need to be demonstrated that Plato's impact was ultimately both greater and more lasting. His place in the history of *sophrosyne* exemplifies his Sovereign effect on Greek thought in general, for with him the development of this concept reaches a clímax. Not only did he reconsider most of the earlier interpretations of the virtue which had emerged from the archaic and the classical worlds – now shattered for ever by the crise of the late fifth century – and reintegrate them into a new unity, but he so extended its scope that all subsequent interpretations were the result, in some fashion, of his achievement (NORTH, 2019, p. 176).

⁶ Guerra do Peloponeso e Expedição à Sicília.

Neste estudo para a nossa investigação acerca do estatuto da Verdade no encômio alcidiano, presente n'O *Banquete*, a conceituação da virtude *sophrosyne* (temperança), que adotaremos, é apresentada por Platão no diálogo *Fedro*. Platão nos diz que "esses [dois princípios] por vezes são concordantes dentro de nós, por vezes discordantes por outro lado, às vezes é um deles que predomina, às vezes o outro".

"Quando a opinião conduz por meio da razão para o que é o melhor e predomina, esse tipo de poder é chamado de autocontrole" (237e, 238a). Desta maneira, *sophrosyne* para Platão estava relacionada à harmonia e tendo como referencial de medida o próprio ser humano. Bem como, ela sendo despertada pelo *logos* (razão) a partir de um conhecimento (*epistéme*).

Já que na filosofia platônica o tratamento dado a *sophrosyne* possui certas peculiaridades que não são captadas por nós de maneira imediata em função de alguns aspectos formativos. Dentre eles, pode dificultar a nossa assimilação o fato de que em Platão o referencial para medir os excessos recai sobre o próprio homem, o que exige dele o autoconhecimento e autonomia (SILVA, 2018, p. 67).

Com isso, temos em Platão a virtude *sophrosyne* (temperança), a qual nos permite exercer o autocontrole e assim, podermos escolher o que é o melhor, quando opinião e razão agem harmoniosamente.

Considerações finais

Desta maneira, o conceito da virtude *sophrosyne* resgata um dos seus conceitos primários, ou seja, o de ser uma virtude ligada ao intelecto. Pois a *sophrosyne*, em sua origem, está ligada ao uso do *logos*, a razão. Assim, *sophrosyne* e razão pertence ao âmbito do intelecto. Nesses termos, Platão relaciona a virtude *sophrosyne* (temperança), com o uso da razão, da racionalidade.

De maneira que para se alcançar o melhor não basta apenas conhecer, opinião adquirida, mas conduzir essa opinião adquirida por meio da razão. Assim, Platão nos aponta o caminho para a compreensão da virtude *sophrosyne* (temperança), a partir da razão e da *epistéme* (conhecimento). Aqui, Platão retoma a sua compreensão da unidade das virtudes. Assim, a *sophrosyne* não é uma virtude isolada do conhecimento (*epistéme*) e da razão (*logos*).

A *sophrosyne* filosófica caminha junto da razão e do conhecimento. Ela se manifesta quando a razão (*logos*) predomina, de maneira ordenada e harmoniosa, na condução do pensar e agir de cada pessoa, ou no contexto da *polis* grega, o cidadão. Platão, dessa maneira, nos sinaliza que para a virtude *sophrosyne* (temperança), se manifestar em nós, é necessário nos deixarmos guiar pela nossa razão (*logos*), e não nos deixar guiar pelas emoções (*pathos*).

Com isso, a conduta temperante, ou seja, a virtude temperança sendo exercida, cabe apenas ao ser, ao cidadão, pois sendo uma decisão do seu *logos*, não cabem ações externas para a prática da temperança, da *sophrosyne*.

Referências

BRANDÃO, J. de S. *Dicionário mítico-etimológico*. Petrópolis: Vozes, 2014.

FISHER, N. *Hybris. A study in the values of honor and shame in Ancient Greece*. Liverpool: Liverpool University Press, 2019.

HESÍODO. *Teogonia*. Edição bilíngue. 2. ed. Introdução e tradução de Cristian Werner. São Paulo: Hedra, 2022.

HESÍODO. *Trabalho e dias*. Edição bilíngue. 2. ed. Introdução e tradução de Cristian Werner. São Paulo: Hedra, 2022.

MORGAN, L. M. Platão e religião grega. In: KRAUT, R. (Org.). *Platão*. São Paulo: Ideias & Letras, 2013.

NORTH, H. A period of opposition to Sophrosyne in Greek Thought. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, v. 78, 1947, p. 425-462.

NORTH, H. *Sophrosyne* – self-knowledge and self-restraint in Greek Literature. Sophron Editor, 2019.

PINHEIRO, V. S. Introdução. In: PLATÃO. *O Banquete*. Edição bilíngue. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Edição especial de Plínio Martins Filho. Organização de Benedito Nunes e Victor Sales Pinheiro. 4. ed. Belém: Ed. UFPA, 2018.

PLATÃO. *Fedro (ou Do Belo)*. Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2015. (Clássicos Edipro).

PLATÃO. *O Banquete*. Edição bilíngue. 4. ed. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Edição especial de Plínio Martins Filho. Organização de Benedito Nunes e Victor Sales Pinheiro. Belém: Ed. UFPA, 2018.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas – Alcibiades e Coriolano*. Tradução, introdução e notas de Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues. São Paulo: Annablume, 2011.

SILVA, R. B. B. da. O contexto da Sophrosyne no Cármides e no I2 de Plotino. *Polymatheia*, Fortaleza, v. II, n. 18, jan./jun. 2018, p. 56-89.

SNELL, B. *A cultura grega e a origem do pensamento europeu*. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2012. (Estudos; 168).

TRABATTONI, F. *Platão*. Tradução de Irineu Quinalia. São Paulo: Annablume, 2010. (Coleção Archai: as origens do pensamento ocidental, 2).

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Tradução, prefácio e notas introdutórias de Raul M. Rosado Fernandes e M. Gabriela P. Granwehr. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2022.

VASCONCELOS, B. C. D. A. A temperança em diálogo no Cármides. *Revista Contextura*, Belo Horizonte, v. 9, n. 10, 2010, p. 17-31.

VERNANT, J.-P. *As origens do pensamento grego*. Tradução de Ísis Borges B. Fonseca. 25. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2022.

Sobre os autores

Damiana Patrícia Alves Camurça Maciel

Mestrado em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Ceará (PPGFIL/UECE). Docente da SME/Fortaleza. Pesquisa Filosofia Antiga.

Vicente Thiago Freire Brazil

Doutorado em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará (PPG/UFC). Docente de Filosofia Antiga da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Ceará (PPGFIL/UECE). Pesquisa Filosofia Antiga.

Recebido: 21/05/2024

Received: 21/05/2024

Aprovado: 27/06/2024

Approved: 27/06/2024